

S
A
I
D
E
I
R
A



SAIDEIRA

TOMAS GUIBU VANNUCCHI
Orientação: Prof. Dr. Antonio Carlos Barossi

Trabalho Final de Graduação
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo
São Paulo 2020

*Tire da cidade o impacto civilizatório dos seus bares
e teremos um Garrincha sem a bola.*

Luiz Antonio Simas, *O corpo encantado das ruas*



AGRADECIMENTOS

Agradeço à FAU.
Bruta e bela, estimulante e libertadora.

Não é exagero dizer que, sem ela, eu não existiria.
Da bicicleta no laguinho ao sétimo TFG da família,
a FAU sempre esteve presente na minha vida.

Foi quem proporcionou o encontro entre meus pais. Quem rendeu discussões arquitetônicas nos almoços de domingo. Quem me deu companheiros de mesa, trabalhos e viagens. Promoveu parcerias e parceiras. Gerou um belo grupo de mensagens. E apresentou-me um orientador, motivado e acolhedor, e professores sensíveis e generosos.

Mas foi quem também me fez valorizar os não-fauanos, que aprenderam a tolerar o meu horário FAU, e que me acompanham, ontem e hoje.

À minha prima, que me introduziu o universo dos botecos.

À minha irmã, que desbravou o caramelo e me indicou o caminho dos concretos.

E aos meus pais, pelo amor e carinho, mas também pelas broncas em prol da conclusão deste trabalho.

AVISO

O sulfite pendurado é sintoma do período insólito pelo qual estamos passando.
O vazio que outrora ligava dentro e fora está tomado pelas portas metálicas, desacostumadas à luz do sol [e da lua].
A pandemia assola o país, proíbe aglomerações e fecha os botecos.

O caráter apocalíptico do momento me faz questionar, dentre muitas coisas, a relevância de uma pesquisa acerca de botecos na conjuntura atual. Não faltam temas importantes para contribuir ao debate público, que se faz ainda mais necessário em crises generalizadas como essa. Para além da despretensão deste trabalho, porém, não deixo de notar que é o boteco, justamente, um dos aspectos da normalidade de que mais se sente falta. Causa estranhamento a ausência desta instituição – sempre tão disponível e prestativa – e seu equivalente cibernético ainda não foi encontrado.

Falta charme aos encontros virtuais e as cervejas já não satisfazem como antes.

O vírus, ligeiro e inesperado, aprofundou ainda mais uma questão que me acompanhou ao longo de todo o TFG. Senti na pele a dialética dos bares: de um lado, o garçom que quer fechar o expediente com pontualidade britânica e, do outro, o cliente que insiste em mais uma saideira. Se o anseio de me formar mostrava-se cada vez mais intenso, o apego ao projeto e à condição universitária aumentava na mesma medida. Com o necessário fechamento dos comércios, ficaram impossibilitados os levantamentos métricos e a vivência antropológica, pratos principais do presente trabalho. Resta-me, então, torcer para que este seja apenas mais um caso em que o garçom erra o pedido, mas que o inesperado revela-se satisfatório.

Das inúmeras incertezas causadas pela pandemia, uma me cativou: a do tempo verbal. Peguei-me refletindo se deveria manter os textos no presente ou alterá-los para o pretérito imperfeito. As experiências da boemia estão agora no passado, mas espero que, num futuro não muito distante, elas sejam retomadas. Não sei o que será do mundo após o fim da quarentena, mas, definitivamente, não quero viver uma vida sem botecos.

Que, do alto das mais fuleiras mesas de plástico, muita cerveja ainda se derrame sobre estes papéis.

CARDÁPIO

introdução	ENTRADA.....	17
definição	SUGESTÃO DO CHEFE.....	23
panorama histórico	CAFÉS.....	35
tipologia e simulacro	LITRÃO.....	47
arquitetura	EXECUTIVOS.....	59
público e privado	PRATO DA CASA.....	73
futebol	VAI PASSAR.....	85
lazer	ACOMPANHAMENTOS.....	97
machismo	DOSE.....	111
trabalho de campo	LANCHES.....	123
considerações finais	SOBREMESA.....	137
bibliografia	CONTA BIBLIOGRÁFICA.....	142

GONZAGA.....	28
XANGÔ.....	40
LANCHOPERIA.....	52
REI DAS BATIDAS.....	66
KINTARO.....	78
VALADARES.....	90
OURO PRETO.....	104
SPUTNIK.....	116
VALENTE.....	126



VALADARES

XANGÔ

SPUTNIK

VALENTE

GONZAGA

LANÇOPERIA

KINTARO

OURO PRETO

REI DAS BATIDAS

0 1 2 3 4 5
KM

ENTRADA

Não é segredo o efeito diurético da cerveja. Apreciadores de cevada fermentada sabem que são raras as vezes em que o banheiro de um boteco é visitado apenas uma vez na noite. Não obstante, a esmagadora maioria destes estabelecimentos continua nos obrigando a nos contorcer a fim de ocupar o exato espaço entre o girar da porta e o encostar da privada. E foi assim, num toque gélido da louça em minha panturrilha direita que me veio, em uma epifania ébria, o tema que abordaria no TFG.

Estaríamos fadados ao desconforto hidráulico dos banheiros de boteco? Seria a parca ventilação um pré-requisito? Haveria uma lei que obrigasse o uso da insensível luz branca?

Os questionamentos foram mudando de escala e passaram a abranger o boteco como um todo. O tema a ser pesquisado seria então esta entidade nacional, por vezes esnobada pela arquitetura, mas adorada pelos arquitetos.

¹ Gabriel Mardegan, psicólogo e remador filosófico

Para além do uso constante de guias pela minha família, a ideia se fortaleceu depois que conheci o trabalho Architecture Reading Aid Ahmedabad, que, ao abordar uma cidade conhecida por sua arquitetura do pós-guerra, desafia a lógica tradicional e introduz a perspectiva de um residente sobre a vida cotidiana de Ahmedabad, sem distinguir a arquitetura de assinatura de suas construções ordinárias.

Logo, dei-me conta de que eram os botecos a coisa que mais senti falta ao longo do meu ano de intercâmbio. No país dos diques e moinhos, não há um meio termo entre beber em casa e esbanjar em um estabelecimento. Não há um lugar onde se possa pedir um litrão e comer um salgado. O frio prejudica e contribui com a frieza. Foi por isso que, já em terras tupiniquins, a primeira coisa que fiz foi comer uma coxinha.

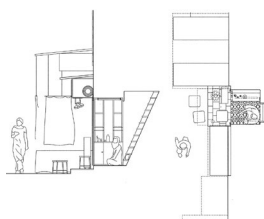
Tenho um amigo que diz:

Nas cinco regiões do país, nos bairros centrais, nos subúrbios e periferias, nas grandes, médias, pequenas cidades e pipocando pelas zonas rurais, o boteco vagabundo é uma das instituições mais comprometidas em [lavar e] levar a alma brasileira para frente. Defendê-lo e frequentá-lo é dever de todo verdadeiro patriota.¹

Na capital paulista, o boteco cumpre ainda outras funções. Contraponto aos muros eletrificados que crescem a cada dia, é resquício e resistência de uma outra cidade, em que as ruas importam e não há o monopólio dos automóveis. Além disso, os espaços de lazer, escassos e dispersos quando gratuitos, caros e concentrados quando pagos, fazem com que a cerveja barata se torne uma das principais atrações paulistanas.

Desse modo, o formato de guia pareceu-me ideal para o trabalho. Embora desvinculado do planejamento urbano

18



tradicional, este guia se pretende um apoio, ao seu restrito público, para a leitura e o uso da cidade. Não se trata de um daqueles tradicionais – com exaustivo catálogo para indivíduos em busca de exploração exótica – mas sim um convite para a observação e experimentação de uma condição que considero bastante característica de São Paulo. Parte daí a opção por um tamanho de bolso.

Brotava, assim, uma nova questão: se o guia pivota sua atenção ao corriqueiro, então abundam os estabelecimentos a serem escolhidos. Foram necessárias algumas doses de reflexão para resolver que o critério principal seria bastante subjetivo. Faria mais sentido apontar lugares conhecidos e dentro da minha realidade, possibilitando maior contato e aprofundamento na exploração do local em si. Sendo assim, explícito aqui que a escolha dos botecos – frequentados por mim – tem um claro recorte regional, social e de classe. Ela não se deu, porém, de forma aleatória. Na seleção dos locais da pesquisa, foram levados em consideração alguns parâmetros e também afetos: a localização, os aspectos físicos dos lugares e certas peculiaridades de cada estabelecimento, as quais pensei que seriam interessantes para a análise.

Se o bar é a chave de qualquer cidade², espero, nessa espécie de curadoria urbana, contribuir na abertura de portas e garrafas.

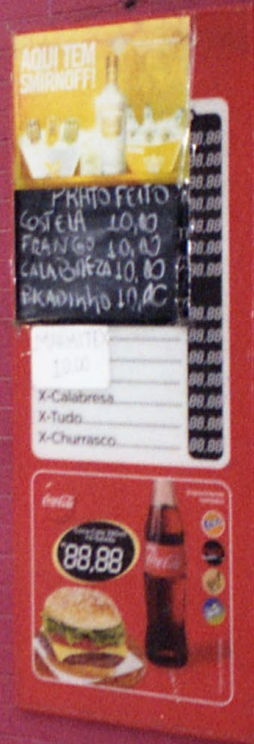
² “O bar é a chave de qualquer cidade; saber onde se pode beber cerveja é quanto basta.”

Walter Benjamin, Rua de mão única, 1979

19

O conceito de curadoria urbana me apareceu a partir do trabalho do escritório de arquitetura japonês Atelier Bow-Wow que, através da catalogação de inúmeros edifícios que consideram atraentes, incentivam o público a participar da cidade bottom-up. Entre seus livros, destacam-se Made in Tokyo e Pet Architecture.





SUGESTÃO DO CHEFE

A escolha do tema revelou-se um sucesso de público e da crítica especializada. Bastava anunciá-lo que choviam ofertas de ajuda para o trabalho de campo. Amigos se animavam, parentes destacavam a astúcia e professores enxergavam certo potencial. Porém, sobre todos estes círculos, pairava a mesma dúvida: o que define um boteco? O termo, tão trivial, não se encaixava, pelo menos para mim, em todo e qualquer bar. Segundo o dicionário, *boteco é um estabelecimento comercial popular, onde servem bebidas, lanches, tira-gostos e eventualmente alguns pratos simples*³.

Apesar de um frequentador assíduo, uma definição mais profunda parecia enraizada em meu inconsciente e, para explorá-la, seria necessário cavoucar. Depois de algum tempo em busca das pás teóricas, foi possível chegar a três características comuns aos botecos em geral.

³ HOUAISS, 2007, p. 497.

⁴ SILVA, 1969, p. 116.

A primeira delas se dá, realmente, por seu **aspecto popular**. Independente de classe social, ninguém vai a um boteco com a intenção, pelo menos em teoria, de gastar desenfreadamente. Isso faz com que haja um condicionamento, não apenas das próprias características físicas do espaço, como também do tipo e da qualidade das mercadorias vendidas. *Drinks* rebuscados e pratos sofisticados estão fora dos cardápios. Predominam os salgados – por vezes amanhecidos – e *pilsens* medianas. As variações de preço existem, é claro, mas nunca se apresentam fora da curva.

A segunda característica também é vinculada ao **perfil de sua clientela**. *No que se refere à duração e à intensidade de frequência, é o boteco que apresenta maior número de fregueses constantes*⁴. Por vezes localizados próximos ao local de trabalho ou a casa, chega a ser comum haver um certo tipo de vínculo entre consumidor e funcionários. Apesar de não configurar fator determinante, a assiduidade de certos frequentadores é de tal ordem que, em diversos casos, o local depende deles para sobreviver, tamanha a participação na renda do estabelecimento. Essa constância pode ser explicitada através da dimensão temporal: pingado de manhã, PF no almoço e cerveja depois do expediente.

Há ainda um terceiro aspecto bastante relevante: **sua relação com a rua**. Na maioria das vezes, as mesas ocu-

pam parte da calçada e, quando não avançam sobre ela, o interior é sempre permeável ao espaço público, quase como uma extensão. A presença constante de pessoas, inclusive à noite, proporciona um aumento da segurança e da liberdade no espaço público. *O entra e sai do bar contribui em muito para manter a rua razoavelmente movimentada até as três da manhã, e não há perigo em voltar tarde para casa*⁵.

No entanto, talvez seja ao retomar a remota origem etimológica da palavra que se chega à sua verdadeira essência. Boteco deriva do termo grego *apothéké* (depósito). O mesmo que originou *biblioteca* (centro de saberes), *botica* (antiga farmácia em que se vendiam remédios e bebidas) e *bodega* (local onde se come e se bebe com simplicidade)⁶. Boteco é, no fim das contas, uma mistura de tudo isso. Agora em que se discute a cidade, ao mesmo tempo em que abriga certo saber popular, fornece os medicamentos para corpo e alma, sem deixar de lado comidas com sabor e sustança.

⁵ JACOBS, 1961, p. 28.

⁶ SIMAS, 2019, p. 90.





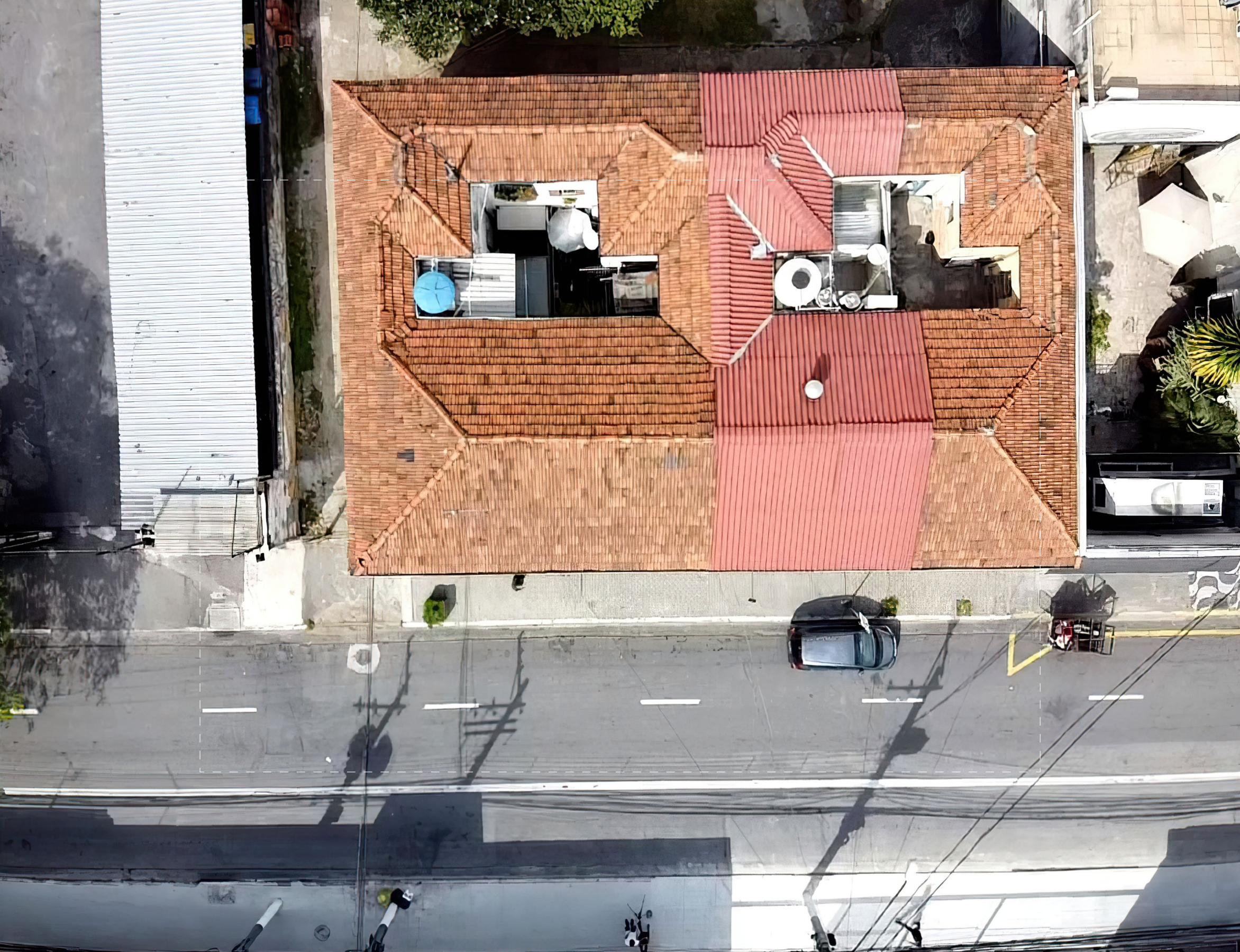
GONZAGA

Rua Cardeal Arcoverde, 2865 - Pinheiros

O Gonzaga é um clássico de Pinheiros. Sua localização na parte mais erma da Rua Cardeal Arcoverde – onde predominam construções vazias que fazem brilhar os olhos de grandes empreiteiras – não impede o atracamento de jovens da Zona Oeste paulistana, que trasbordam pela calçada. Destacam-se os bolinhos fritos caseiros, de excelente custo e sabor, e os penduricalhos sobre a porta.

O que mais me chama a atenção, porém, é a avalanche de potes de pimenta atrás do balcão. Ocupando mais de 6 prateleiras, os potes parecem aumentar de quantidade a cada semana. Não é raro ver o Seu Gonzaga preparando novas conservas, sentado sobre 4 cadeiras de plástico empilhadas com o objetivo atingir o ângulo ideal para o corte das pimentas. Aparentemente, a reposição se dá numa frequência muito maior do que o consumo. As ótimas playlists ficam a cargo de Gonzaguinha, filho do proprietário e dono do curioso ritual de passar o dedo em movimento circular no fundo das garrafas de cerveja antes de entregá-las aos clientes. A gata da família também costuma marcar presença no boteco.





CAFÉS

A venda dos **grãos** de café ao longo de quase cem anos fez de São Paulo o motor da economia brasileira, a partir da segunda metade do século XIX. O enriquecimento da cidade permitiu que se estabelecesse um maior contato cultural com a Europa, principalmente através de viagens de estudos dos jovens paulistas. Essa vivência modificaria drasticamente a vida cultural e os relacionamentos sociais dessa elite intelectual. Para que isso ocorresse, entretanto, seria necessária uma base física que abarcasse essas transformações.

A influência dos pubs londrinos e dos cafés parisienses se deu nos bares paulistanos como o leite do **pingado**. Os *espaços amplos, de iluminação especial, mobiliados com mesinhas de mármore, cadeiras Taunay, e paredes ornadas de espelhos*⁷, deixavam claro que correspondiam à tal solicitação. *Misto de boate, restaurante, salão de reunião, conversa, discussão e criação artística*⁷, o bar passou a se apresentar como ambiente requintado e de caráter importado.

⁷ KAISER; MORI, 1970.

Na época em que foi escrito o artigo Bares de São Paulo, Klara Kaiser e Koiti Mori descrevem a existência de um outro balcão, destinado exclusivamente ao café – que requer menos tempo pra ser servido e tomado. Esse balcão era colocado quase que na calçada, fazendo com que o freguês nem precisasse gastar tempo entrando no estabelecimento.

36

Assim, o centro de São Paulo abandonava seu ar colonial e pacato e ganhava contornos cada vez mais urbanos e cosmopolitas. A Semana de Arte Moderna de 1922 foi um marco para a cidade. Ao mesmo tempo que contribuiu para o surgimento de novos bares, também só foi possível graças aos já existentes redutos de boêmios e intelectuais, que estimulavam o encontro de seus idealizadores. Despontava então um dos principais aspectos dos botecos: locais para se beber após o trabalho ou a faculdade, petiscar alguma coisa e encontrar os amigos. O pingado virou **média**.

Com a industrialização a pleno vapor, em meados do século XX, a estrutura passou a se modificar, e o modelo europeu foi deixado para trás. O ritmo das novas atividades não o permitia mais. A eficiência mecânica se impôs na cidade, da mesma maneira que se impõe num **expresso**. A simultaneidade de espaços de uso e serviço e a formação de rodas em torno das mesas, que tinham o garçom como elemento indispensável, deixaram de funcionar.

O balcão ganhou, assim, uma nova dimensão, definindo o bar e estabelecendo a relação entre consumidor e funcionário. Dividiu o espaço em dois e estabeleceu funções completamente diferentes: uma parte para consumo e uma parte para operação. O garçom passou a conversar menos e atender mais, e a conexão entre

cozinha e salão se reduziu a uma portinhola. Do ponto de vista do consumidor, também houve alterações. As mesas, grandes e espaçosas, foram substituídas por banquetas fixas com posição determinada, e a comida passou a ser posta quase que em seu colo, em busca de eficiência e rapidez.

Concomitante a essa mecanização, contudo, houve nos bares um esforço pela manutenção de certo caráter artesanal, caseiro. Nasceu assim, o famigerado prato da casa e começou-se a servir chá e chocolate. A ambientação também tentava assumir um aspecto familiar, **coado**, e enriqueceu-se com *imagens de diferentes pratos que entram na decoração das paredes*⁸.

A partir da década de 1960, os botecos começaram a se fazer mais presentes nos bairros operários. Esses, no entanto, não derivavam dos antigos cafés, mas sim de pequenos armazéns – boticas e bodegas – cujos proprietários passaram a oferecer petiscos e bebidas, como agrado aos seus clientes. Dessa forma, incentivavam não somente o comércio do lugar, mas também transformavam-no em reduto de encontros entre as pessoas da região.

Alguns destes estabelecimentos persistem até hoje, resistindo bravamente ao ímpeto modernizador. Não se pode negar, porém, que a dinâmica dos botecos acom-

37

⁸ KAISER; MORI, 1970.

panha a dinâmica urbana. Entre cervejas geladas e petiscos saborosos, os bares são lugares que falam da cidade, vivida e imaginada, e de seus cidadãos.



A criança nessa foto, de 1962, é meu pai, recém-chegado ao Brasil e apoiado no balcão do bar de meu avô, na Rua Álvaro de Carvalho. Imigrante italiano, meu avô viu frustrado o seu plano de montar a loteria esportiva no Brasil e decidiu comprar um boteco. Aproveitando os dotes culinários de minha avó, transformou-o, posteriormente, num restaurante, frequentado pelos funcionários da Editora Abril e de agências de publicidade que existiam no entorno.



XANGÔ

Rua General Jardim, 76 - Vila Buarque

O Xangô foi uma escolha quase corporativista, pois é um clássico da profissão. Na esquina adjacente ao Instituto dos Arquitetos de São Paulo, é frequentado assiduamente por arquitetos, que consomem de café à *água que o passarinho não toma*, como diria um de seus ilustres clientes, Paulo Mendes da Rocha. Localizado na Rua General Jardim, o lugar me remete, ao melhor evento não-acadêmico da FAU: a Oficina de Boteco.

Criada de maneira espontânea há mais de uma década, a Oficina é o ápice da semana de introdução aos bixos. Os alunos encontram-se [em tese] ao meio dia na esquina da Augusta com a Paulista, e descem em direção ao centro, parando nos principais botecos do caminho. Como é de se imaginar, o nível etílico dos jovens aumenta de maneira inversamente proporcional ao relevo do trajeto.

Originalmente o passeio acabava no local de apresentação do finado Coro de Carcarás, bloco de maracatu dos alunos da FAU. Em 2020, ele acabou justamente no Xangô, fato que se mostrou ideal para que estagiários e recém-formados dessem o ar da graça de sua presença.





LITRÃO

Os cubos de manga cortados de maneira rigorosa e vedados em um um copo plástico transparente são apenas mais uma evidência do processo de *gourmetização* da vida. Em um mundo em que quitandas dão lugar a hortifrutis, açougues se transformam em boutiques de carne e barbearias oferecem cerveja artesanal, os botecos não passam incólumes, mas ainda são uma brisa de resistência.

Não é difícil reconhecer um. Mesas na calçada, azulejos na parede e toldos na fachada são praticamente uma constante. Porém, basta uma caminhada [mesmo que virtual] pelas ruas de São Paulo para identificar, facilmente, o caráter dos estabelecimentos. Distinguir os genuínos daqueles ditos *gourmetizados*.

Pode-se dizer que os botecos configuram uma **tipologia** própria, pois *se reduzem a uma forma original comum, inferida a partir de obras específicas numa cultura particular,*

⁹ NESBITT, 2006, p. 267.

*portadoras de propriedades funcionais e formais análogas, admitindo ainda a criação de novos tipos como respostas a mudanças socioculturais e tecnológicas*⁹. Abstraindo as soluções formais particulares, sempre dependentes do tipo de espaço à disposição (geralmente montados a partir de reformas), é possível chegar a alguns tipos básicos de plantas, a partir das quais criam-se variações em torno do mesmo tema, seus múltiplos e combinações.

O balcão, por exemplo, é o grande definidor espacial do boteco. Ao dividir o espaço em dois, organiza o ambiente de acordo com suas funções, sempre de modo a privilegiar seus consumidores, sem prejudicar a funcionalidade dos próprios funcionários. A ocupação do salão, por sua vez, busca a configuração que permita o maior número de mesas possível, mesma lógica utilizada nas calçadas. Consequência disso são os banheiros, quase sempre espremidos e com uma única pia, compartilhada e externa, próxima a engradados empilhados.

A tipologia serve então como uma grade estrutural. *A forma básica deve ser entendida como a estrutura interior de uma forma ou como um princípio que contém em si a possibilidade de infinitas variações formais e modificações estruturais do tipo em si*¹⁰. Essa forma, porém, já foi incorporada pela fúria do contemporâneo, afeita aos grandes negócios, que esmaga o intangível e trata a tradição apenas como **simulacro**.

¹⁰ ARGAN *apud* NESBITT, 2006, p. 270.

Os botecos ainda não se apresentam no estágio final de um processo descrito por Baudrillard, no qual ele argumenta que o simulacro não é apenas uma cópia do real, mas se torna verdade por si só: o hiper-real. Segundo o teórico, o que o simulacro copia, ou não tem original, ou não tem mais um original.

Em uma era cujos símbolos têm mais peso e força do que a própria realidade, não é raro encontrar simulações malfeitas do real que, contraditoriamente, acabam mais atraentes ao espectador médio do que o próprio objeto original. Quando reproduzido de maneira inócua, retirando-o dos contextos originais, acaba perdendo parte de sua simpatia. Mas então, como essa diferenciação fica tão evidente para nós, *meio intelectuais, meio de esquerda*¹¹?

Há quem diga que a diferença entre os bares em que nos sentimos em casa e aqueles nos quais, ao contrário, estamos apenas de visita, é o fato dos primeiros nascerem como forma de subsistência de seus proprietários, enquanto os segundos configuram-se como meros investimentos. Há ainda indicações mais materiais. O chão da calçada, cimentado e sem graça, tomado por tampinhas e punhados de arroz, é uma delas, assim como caixas de cerveja e cadeiras retráteis em algum canto da fachada, à espera de novos cascos e clientes. O salgado amanhecido, a cachaça a granel, o copo americano.

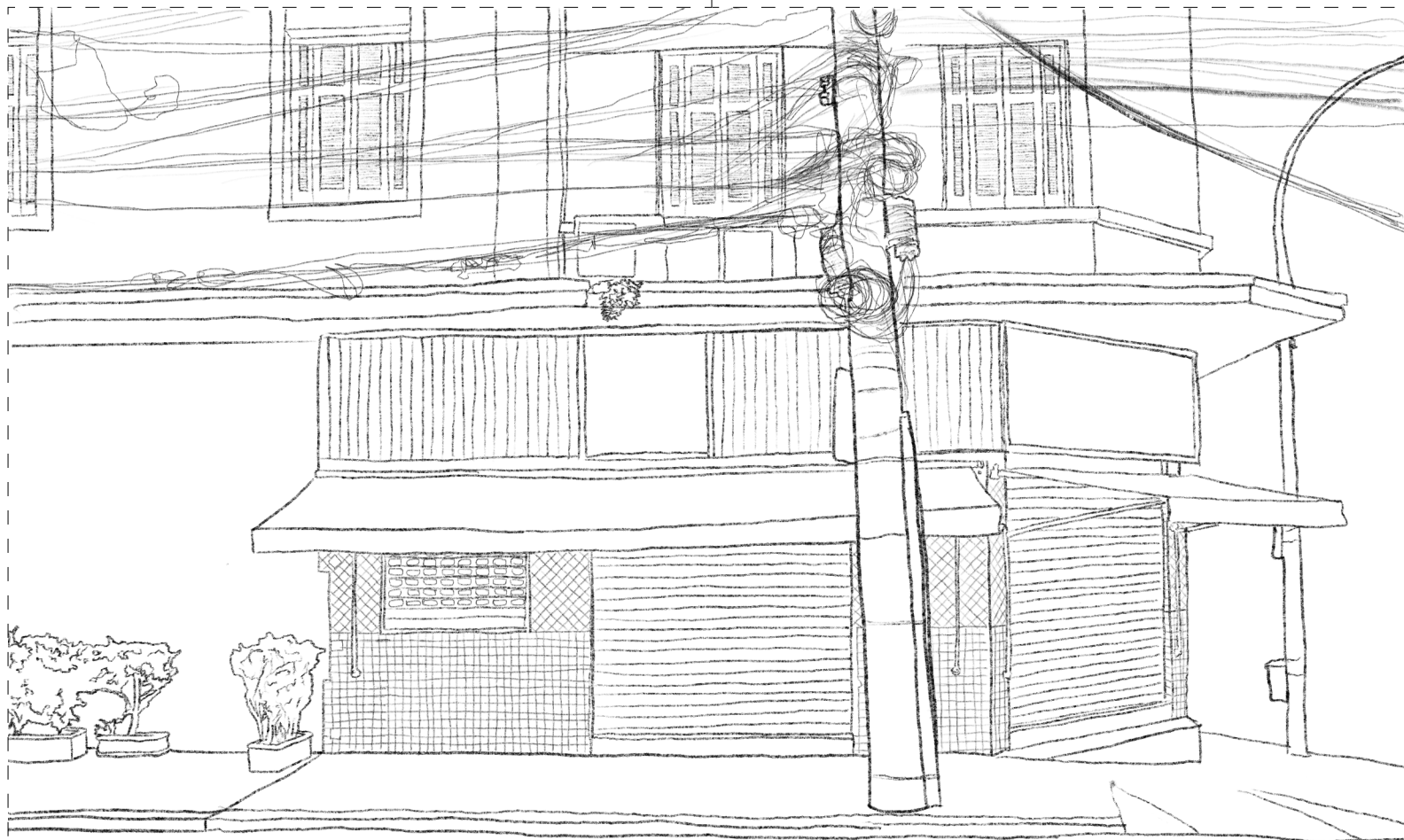
Mas talvez seja o litrão, o exemplo máximo dessa diferença. O bom custo-benefício, a pouca variedade e o seu tamanho compartilhável [ou não] são golpes duros para a sanha gourmetizadora, que despreza tudo aquilo que não é mensurado pelas regras do mercado: a cul-

¹¹ Referência à ótima crônica Bar ruim é lindo, bicho!, de Antonio Prata.

¹² Mais uma referência de crônica, dessa vez, Botequim é como clube de futebol, de Luiz Antonio Simas.

tura, seus lugares de memória e lições de um povo que sacralizou as esquinas em rituais de celebração da vida¹².





LANCHOPERIA

Alameda Jaú, 1539 - Cerqueira César

A Lanchoperia é um desses botecos clássicos. Com o horário de funcionamento das 6h à 1h da manhã, o boteco continua, apesar da localização nobre, um reduto de trabalhadores e estudantes. De sua esquina é possível presenciar os mais variados eventos: brigas de rua, enxame de skatistas, baladas gospel e debates taxistas. Em seu balcão cheio de vértices, é possível comer um pão na chapa, pedir um lanche, tomar cerveja, e até mesmo cachaça, independente do horário.

Sua fachada de azulejos amarelos e verdes e toldos vermelhos em nada combina com o verde limão de suas paredes internas e os tons de marrom do balcão e do pilar. Também contribui para a profusão de cores, o estoque de engradados em cima das geladeiras de bebidas.



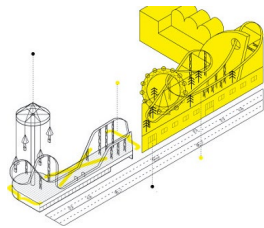


EXECUTIVOS

O mais próximo que cheguei à planta de algum boteco foram duas folhas: numa delas, um xerox do projeto – original, imagino – de um prédio onde, no térreo, havia apenas um grande vazio escrito *LOJA*; na outra, ainda mais singela, dois retângulos de caneta Bic sobrepostos com três medidas arredondadas, em um papel do tamanho de um guardanapo. Achei simbólico.

Os botecos são, em sua grande maioria, construções anônimas. Sem muito alarde ou repercussão, desdobram-se economicamente, constroem-se de maneira prática (com o que há de disponível no local) e afirmam-se como elemento característico da natureza urbana de São Paulo. Adiciono, então, uma pitada de conceitos com os quais me deparei ao longo desta pesquisa e que me pareceram contribuir na compreensão desses espaços.

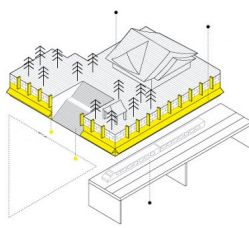
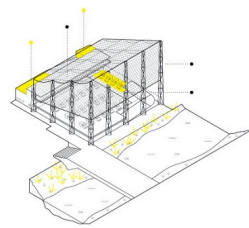
O primeiro deles é o de arquitetura *da-me*. O termo,



O conceito de arquitetura da-me [no-good architecture] foi cunhado pelo Atelier Bow-Wow, “com todo amor e desdém”, a partir da listagem de edifícios que, embora não fossem explicados pela cidade de Tóquio, explicavam a própria cidade. Dentre eles, destaco: o prédio montanha-russa, o edifício taxi-golfe e o templo voador.

¹³ AUGÉ, 1994, p. 73.

¹⁴ ITO apud ISEKI, 2018, p. 18.



japones, refere-se justamente a construções que priorizam a honestidade ao responder exigências programáticas e dialogar com seus arredores. Em geral, tratam-se de edifícios que não insistem em determinada estética arquitetônica e desconsideram a necessidade de expressar “bom gosto” ou “trabalhar com nostalgia” (com significados, categorias ou aparências pré-condicionados). Considerados desprovidos de beleza e desprezados, até o momento, pela cultura arquitetônica, representam as soluções mais econômicas e eficientes que exigem um mínimo esforço.

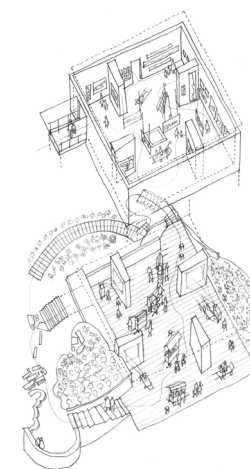
Não se encaixam, contudo, naquilo que chamam de **não-lugar**: espaços destituídos de caráter identitário, relacional ou histórico¹³. Ao atribuir vivência a esses locais previamente definidos pela geometria das cidades, acabam se tornando justamente o oposto: um **lugar antropológico**, onde há pelo menos uma das características anteriores. Até por isso, deve-se levar em consideração as pessoas que, ao ocupar esses espaços, os transformam. Voltar aos pensamentos e sentimentos das pessoas que vivem uma vida comum não é apenas importante para os arquitetos, mas também uma abordagem fundamental para reconsiderar o significado da arquitetura¹⁴.

Essa **visão etnográfica da arquitetura**, que observa e desenha os espaços do ponto de vista comportamental das

pessoas que os utilizam, permite reconectar as peças da sociedade desconexa de hoje e formular críticas, tanto de dentro, quanto de fora da disciplina¹⁵. Se o arquiteto move-se fluidamente entre diferentes dimensões, entre parte e todo, entre empírico e abstrato, a etnografia – representação de uma sociedade e sua cultura a partir do trabalho de campo – só tende a aumentar tal autonomia.

A base dessa perspectiva surge a partir da interpretação do espaço como resultante de uma **tríade dialética**, que pode ter dupla abordagem: uma semiótica e outra fenomenológica. Partindo do pressuposto de que o espaço (social) é um produto (social), o espaço não deve ser entendido como uma realidade material independente, que existe em “si mesma”, mas sim atado à realidade social¹⁶. É nele onde seres humanos, em sua corporeidade e sensualidade, sua sensibilidade e imaginação, seus pensamentos e suas ideologias¹⁶, relacionam-se entre si por meio de suas atividades e práticas.

A produção do espaço, então, pode ser determinada a partir da tríade: **prática espacial** (que designa a dimensão material da atividade e interação sociais), **representação do espaço** (que dá uma imagem e desta forma também define o espaço) e **espaços de representação** (que trata da dimensão simbólica do espaço). Mas ao mesmo tempo, há ainda outra dimensão, que abarca os conceitos de es-



¹⁵ KAIJIMA, 2018, p. 13.

¹⁶ SCHMID, 2012, p. 91.

Architectural ethnography foi o nome do Pavilhão Japonês na Bienal de Veneza de 2018. O termo se refere a uma abordagem específica da arquitetura que, a partir de um trabalho de campo, tem contato direto com os sujeitos da pesquisa. Baseia-se na consciência pessoal e nos sentidos para observar e registrar o ambiente humano, através do desenho, o que implica na capacidade de pensar a si mesmo.

¹⁷ LEFEBVRE, 1974.

¹⁸ TSCHUMI, 1996, p. 111.



paço percebido (que tem um aspecto perceptível que pode ser apreendido por meio dos sentidos), *espaço concebido* (que presume um pensamento prévio que visa a junção de elementos a formar um todo) e *espaço vivido* (que diz respeito à experiência vivida do espaço, experimentada pelos seres humanos na prática de sua vida cotidiana).

Ou seja, *entre as duas partes normalmente creditadas pela produção de espaço - o planejador da cidade, que a produz a partir de uma vista de pássaro, e o usuário, que usa a cidade e a produz através da vida - existe uma terceira parte, o próprio espaço, que se produz*¹⁷. Não são as pessoas que criam esses espaços, mas o espaço social que usa as pessoas para se tornar realidade. *O espaço não é simplesmente a projeção tridimensional de uma representação mental, mas é algo que se ouve e que se age*¹⁸.

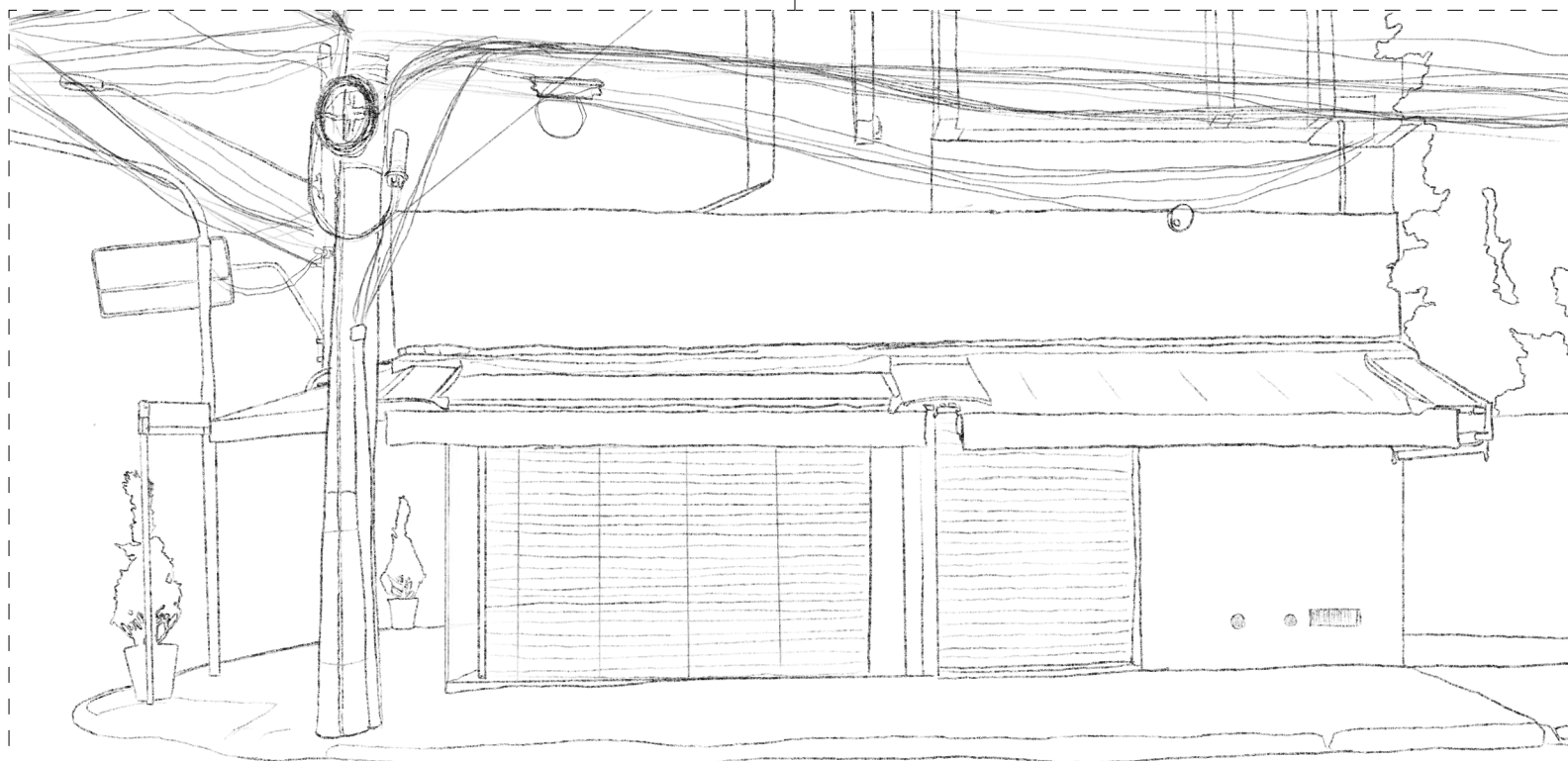
Dessa síntese, há algo que pode ser chamado de **inteligência arquitetônica**, que varia de acordo com as condições sociais, econômicas e físicas, mas que continua acessível a qualquer um, adaptando-se a novas condições enquanto mantém a compreensão estabelecida em condições passadas. Desse modo, cada lugar revela um comportamento próprio, compartilhado entre as pessoas que são parte desse lugar, e esse comportamento é algo que não pode ser projetado. É possível, no entanto, estimulá-lo e intensificá-lo através de inter-

venções nas condições existentes que definem a capacidade comportamental do espaço.

O boteco me parece um bom exemplo desse espaço social. Ao observar a realidade da cidade a partir deste lugar, é possível uma visão mais abrangente da interdependência entre arquitetura e cidade. Apesar de construções anônimas, entendidas também pela participação das pessoas que as habitam, mostram-se tão úteis quanto qualquer obra projetada por arquitetos renomados, pois exprimem, de maneira intrincada, a condição urbana, oferecendo, assim, uma chave para a compreensão dos processos de transformação da cidade.

Um dos fundadores do Atelier Bow-Wow, Yoshiharu Tsukamoto destaca a visão hipotética de que o próprio espaço tem ação e vontade de se produzir. Desse modo, a prática espacial convoca uma variedade de objetos para servirem como agentes, o que não é necessariamente nem bom, nem mau. Acarreta, assim, uma mudança imediata na subjetividade, questionando quem ou o que pode ser o principal protagonista de um espaço.



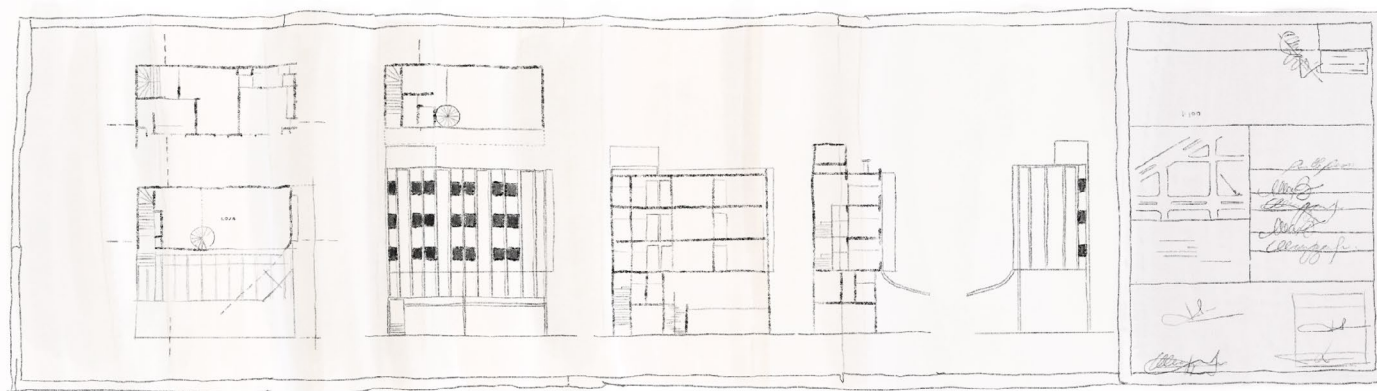


REI DAS BATIDAS

Avenida Valdemar Ferreira, 231 - Butantã

O Rei das Batidas é um clássico de alunos da USP, tendo marcado presença em diversas gerações. Ponto de encontro para reposição de calorias depois de treinos e jogos no CEPE, o boteco ainda conta com o garçom-escritor Osmar que, entre um pedido e outro, serve versos de sua autoria, escritos ao longo de mais de três décadas de trabalho no local.

O boteco entra na lista, contudo, como uma crítica à sua recente reforma, que transformou-o em um bar genérico e frio. A retirada da muretinha charmosa – que servia como um ótimo encosto – e a mudança no logo – com os dois reis coroados – fazem jus à sua planta original: vazia e desabitada.





PRATO DA CASA

Outro dia li um **livro** que me serviu algo saboroso:

Há um idioma falado em alguns lugares no sul da África, no qual não existe uma palavra que designe o parentesco a partir das relações sanguíneas. O parentesco é definido pela expressão *ubudlelane*, traduzida do ngúni como *aqueles que comem juntos*.

Se é na mesa, no balcão, no compartilhamento da comida, que a ideia de parentesco se estabelece, então os botecos são mais do que apenas espaços de lazer étílico e gastronômico. São como lares que, entre um prato e outro, propiciam novas relações e vínculos, sociabilidades e práticas.

Não é raro sentir-se em casa nos botecos que você mais frequenta. A clareza nos pedidos, o discernimento na escolha das mesas, a familiaridade com os banheiros e a cumplicidade dos garçons [com rostos e personalidades], às vezes mais fiéis ao cliente do que ao seu

O corpo encantado das ruas foi a minha grande referência para este trabalho. Apesar de não ter o boteco como assunto principal, todos os seus textos, curtos e instigantes, tratam do que o autor, Luiz Antonio Simas, denomina de cultura de fresta, que se refere aos elementos de construção de identidade e de sociabilidade, que passam, de geração em geração, driblando a normatividade para que consigam sustentar toda a sua potência e seus saberes.



Em A poética da casa, Bachelard desenvolve um estudo dos espaços que considera centrais para a constituição da subjetividade. É a partir da vivência relacionada aos diferentes elementos do espaço interior da casa que se formam as primeiras experiências imagéticas dos indivíduos, preparando-os para futuros “devaneios” em espaços exteriores. A casa é, então, “o nosso canto do mundo”, onde é possível habitar com segurança, desenvoltura e intimidade.

¹⁹ BACHELARD, 1993, p. 200.

²⁰ BARRAL, 2012, p. 136.

superior, tornam desnecessárias eventuais cerimônias e formalidades. Essa intimidade deriva, justamente, do ato de frequentar e habitar, e nessa perspectiva, *todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa*¹⁹, mesmo que fora dos limites físicos da moradia.

No entanto, ao receber pessoas de fora, o boteco acaba, dentro de sua esfera privada, tornando-se um espaço público, coletivo, simbolizado como local onde, teoricamente, as pessoas podem tráfegar e se reunir livremente. Essa *noção de espaço público permite compreender que, mesmo dentro de uma propriedade privada, existem zonas públicas ou, pelo menos, mais públicas do que outras, pois possibilitam o convívio de grupos sociais distintos*²⁰.

O boteco, entendido assim, passa a carregar uma certa duplicidade de espaços, pois é, ao mesmo tempo, rua e casa, interior e exterior. Indivíduos e grupos sociais instituem valores e significados diferentes para a casa e para a rua. Tanto na esfera privada, quanto na esfera pública, desenvolvem comportamentos distintos e, conseqüentemente, sensações de conflito. No entanto, se a casa e a rua são dois mundos opostos, eles também são complementares, pois é a existência de um que justifica a presença do outro, o que permite sua compreensão. Do mesmo modo, exterior e interior tramam-se em uma dialética que não se restringe ao

limite físico, mas que engloba também os comportamentos sociais. Assim, os diálogos entre a casa e a rua, entre o interior e o exterior – marcados por suas oposições e diferenças – tornam-se complementares.

Os botecos encaixam-se, assim, naquilo que parte da antropologia denomina de pedaço: *espaço intermediário entre o privado e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individuais, impostas pela sociedade*²¹.

Ao abrir suas portas, conectam o dentro e o fora, e dão abertura àqueles que o frequentam. Das broncas às confissões dos garçons, das interações com sóbrios e ébrios, do prato da casa ao comercial. Um dos únicos lugares desse país em que a imiscuição entre o público e o privado não se dá de maneira negativa, o boteco é esse espaço ambíguo, onde se come e se conversa, se bebe e se flerta. Exalta a companhia e contempla a solidão. Bar doce lar.

²¹ MAGNANI apud ADÃO, 1998, p. 6.





KINTARO

Rua Thomaz Gonzaga, 57 - Liberdade



A essência japonesa do Kintaro não se restringe apenas a seu nome. Mais do que as bebidas, são as porções o seu grande atrativo. Os *chawans* [cumbucas] são preenchidos com comidas tradicionais japonesas, daquelas que nos remetem às nossas *batians* [avós]. Mas não se deixe enganar: há mais do que petiscos nipônicos. As coxinhas, feitas pela matriarca da família, são consideradas por muitos as melhores de São Paulo.

A exaltação a lutadores de sumô e a grande quantidade de bonequinhos orientais é apenas mais um dos atrativos desta biboca na Liberdade, cujo espaço faz lembrar Tóquio, não só pela decoração, mas também pelo aperto. Joelhos se esbarram enquanto estômagos se deleitam com berinjelas no missô e sardinhas em conserva.





VAI PASSAR

Quarenta anos depois de seu lançamento, a música de **Chico Buarque** soa tão utópica, quanto atual. A crescente asfixia de pulmões e instituições nos dificulta avistar um horizonte que não esteja coberto pela neblina da ditadura gasosa que penetra a democracia brasileira. Se não fosse a pandemia, *Vai passar* certamente seria a dúvida mais abordada nos balcões alheios.

A mesma expressão, porém, já podia ser ouvida com frequência às quartas e domingos. Sucessora de *Qual foi o resultado do futebol*, difundida por **Noel Rosa**, adaptou-se com o aparecimento das televisões nos bares. Destinadas, geralmente, à fruição de torcedores, mostraram-se essenciais para reunir e mobilizá-los em torno do esporte bretão e de um consequente consumo catártico. Com a elitização dos estádios, acentuada pela realização da Copa do Mundo no Brasil, os botecos tornaram-se, cada vez mais, redutos para os **boleiros sem carnê nem pay-per-view**.

Num tempo / Página
infeliz da nossa história /
Passagem desbotada na
memória / Das nossas
novas gerações / Dormia
/ A nossa pátria mãe tão
distráida / Sem perceber
que era subtraída / Em
tenebrosas transações

Seu garçom faça o favor
de me trazer depressa /
Uma boa média que não
seja requentada / Um pão
bem quente com manteiga
à beça / Um guardanapo
e um copo d'água bem
gelado / Feche a porta
da direita com muito
cuidado / Que não estou
disposto a ficar exposto ao
sol / Vá perguntar ao seu
freguês do lado / Qual foi o
resultado do futebol

A lógica de espetáculo fez com que o futebol passasse a ser mensurado apenas do ponto de vista financeiro. Assim, as classes populares, com potencial de consumo reduzido, tornaram-se indesejáveis às novas arenas. A melhoria das condições de fruição dos jogos nos estádios teve como contrapartida o aumento do preço dos ingressos e, assim como as grandes cifras relacionadas aos direitos de transmissão relativas ao pay-per-view, acabou por alijar os torcedores das classes trabalhadoras.

As TVs costumam ficar suspensas em suportes nas paredes, competindo com outros elementos recorrentes nesses espaços, como fotos das chamadas comidas feias e, vez ou outra, imagens sacras, destinadas às devoções cotidianas, sobretudo dos donos dos estabelecimentos. Há ainda outros tipos de adornos, encontrados frequentemente: pôsteres de times desbotados, flâmulas esgarçadas, troféus oxidados e até camisas autografadas. Essas marcas distintivas demarcam visualmente o espaço e, sozinhas, estimulam debates acalorados em torno de preferências clubísticas.

Ainda que o tema futebol seja propagado em outros espaços de convívio e interação social, pode ser conferido aos botecos uma dinâmica singular, pois consistem em referências espaciais *sui generis* da relação simbiótica estabelecida entre a modalidade esportiva em questão e o cotidiano de milhares de indivíduos mobilizados. Sobre-lhes tempo e audiência para expor argumentos e especulações sobre os acontecimentos que circunscrevem partidas passadas ou futuras.

A autoconfiança nas próprias previsões faz com que não sejam raras, nesses lugares, apostas em torno dos resultados. Penhora-se dinheiro ou bebidas pela performance de seus times e jogadores. *Solidariedades gratuitas engendradas à revelia dos sentidos da competição somen-*

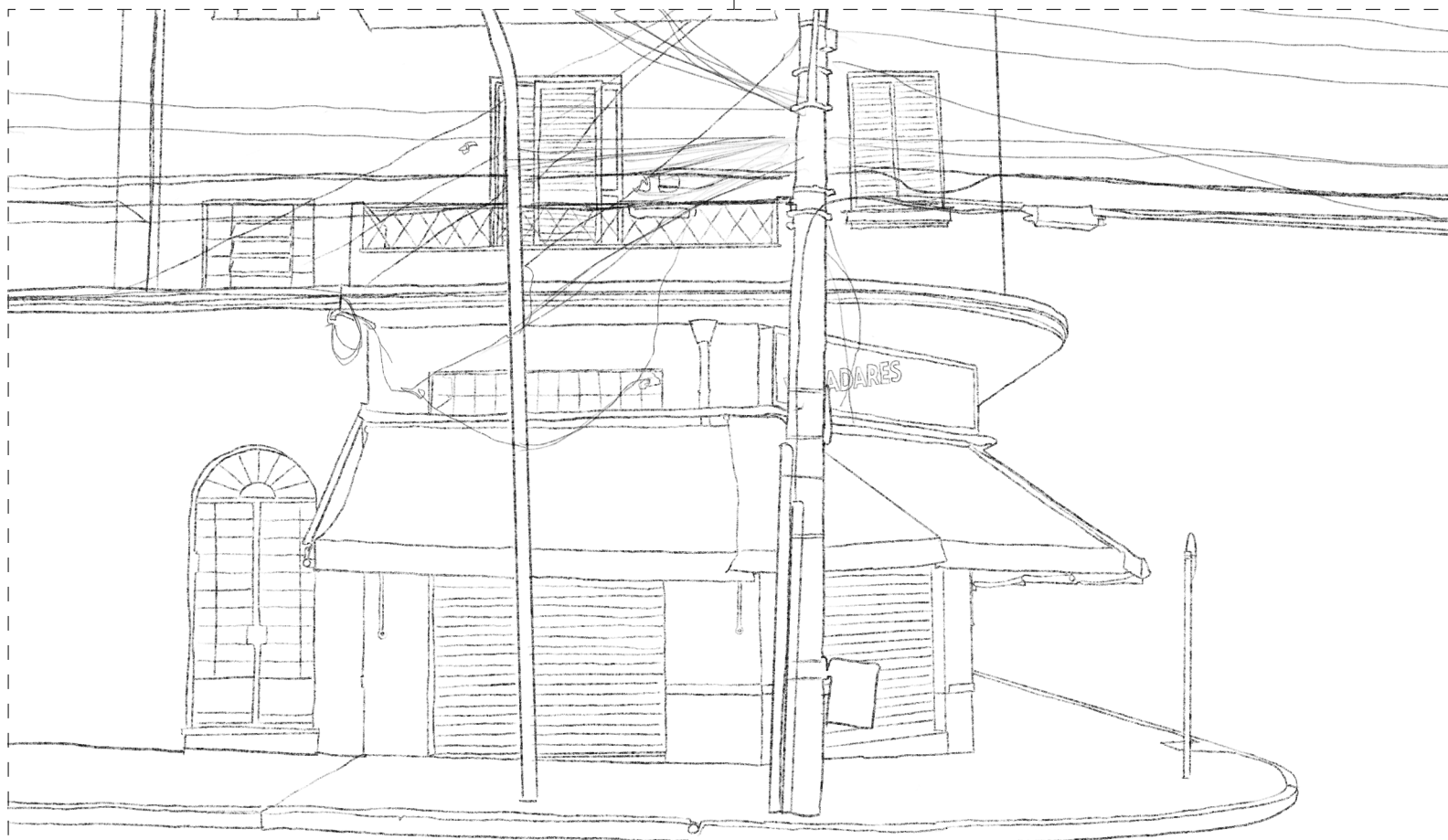
*te adquirem significados se compreendidas como operadoras da interação entre indivíduos e da formação de grupos, que se atiram nestes jogos especulativos*²². Diz-se que, no Brasil, só existem três coisas sérias: a cachaça, o jogo do bicho e o futebol²³. Essa última não costuma surgir sozinha, mas sim precedida pela palavra jogo, o que revela dimensões de sorte e azar, características enunciadas como elementos fundamentais deste universo lúdico.

O futebol, linguagem universal e paixão deste que vos escreve, é elemento fundamental dos botecos, e os transforma em verdadeiros fóruns populares, em que a razão técnica e a emoção clubista chocam-se de maneira entusiasmada. Se a cidade sem os bares são como Garrincha sem a bola, pode-se dizer o mesmo do Brasil sem futebol.

²² TOLEDO, 2000, p. 292.

²³ DA MATTA *apud* ADÃO, 1998, p. 8.





VALADARES

Rua Faustolo, 463 - Água Branca



O Valadares é um dos poucos lugares de São Paulo que ainda vende iguarias preciosas como rã frita e testículo de boi. Abastecido pelo Mercado da Lapa, o boteco foi fundado em 1962, como espaço de encontro dos operários do bairro. A camisa verde enquadrada e um retrato do Leivinha revelam o bom gosto do lugar, que permite também pedidos de porções ao bar vizinho – o Lewis – e vice-versa.

O boteco é um adepto à pluralidade cervejística, servindo ampolas de Heineken, envoltas por camisinhas da Itaipava e apoiadas em bolachas de Brahma.





ACOMPANHAMENTOS

Lembro com clareza uma sensação peculiar que sentia quando criança. Na árdua empreitada artístico-didática de meus pais, não eram raros os domingos em que íamos visitar alguma exposição no centro da cidade. Com o comércio fechado, as ruas ficavam vazias e eram tomadas por um tipo específico de melancolia. A solidão era quebrada por alguns moradores de rua ou indivíduos que pareciam perambular sem muito destino. Alguns acumulavam-se em torno de pregadores na Sé, que transmitiam a *palavra do Senhor* de maneira efusiva e gesticulada, não muito compreendida por mim quando criança.

Foi apenas anos depois, no intercâmbio, que percebi que esse mesmo sentimento havia retornado. Agora, porém, na forma de nostalgia. Passei a sentir falta dos passeios taciturnos no centro. São Paulo, apesar de seus problemas e tristezas, continuava sendo um lugar no qual, do alto de meus privilégios, tinha carinho e

²⁴ BARRAL, 2012, p. 205.

adorava morar. Na minha volta, nem a ascensão de um projeto de neofascismo tropical foi páreo para desbançar o meu prazer em voltar à cidade que nasci e cresci. Esse sentimento, porém, não foi comum a parte dos meus amigos, também de volta do velho continente.

Proveniente da baixada santista e recém-chegada de terras lusitanas, uma de minhas amigas confessou-me detestar morar em São Paulo. Seu principal argumento pareceu bastante plausível: grande parte das atividades de lazer na capital paulistana exige gastar dinheiro. Não há espaços públicos como a praia de Santos e nem abundam praças graciosas como em Lisboa. Os parques são de difícil acesso e ir a esses locais requer quase um planejamento antecipado. Falta espontaneidade no lazer.

Mas sobram botecos. A busca por lugares alternativos, que supram certas carências do lazer, aproxima indivíduos e grupos de bares²⁴, espalhados pela cidade e de custo relativamente baixo. O lazer ligado a estes estabelecimentos explora interesses culturais dos mais diversos. Não se resumem apenas a diversão ou entretenimento hedonista, mas configuram espaços de construção e desenvolvimento de valores culturais e identitários, individuais e coletivos, como amizades, estimas, afetos. É onde atores se encontram trocando seus sentidos, cosmologias e representa-

ções do mundo, da cidade, do cotidiano²⁵.

Nessa perspectiva, as interações entre os frequentadores dos botecos estruturam uma ordem espacial, pois são vinculadas ao próprio lugar onde se realizam, e esse lugar não está isolado da vida da cidade, mas é parte de sua localidade. Ele proporciona, assim, coesão e sentimento de pertencimento que configura a extensão de sua sociabilidade. O frequentador vivenciando fidedignamente, assiduamente, com intensidade e envolvimento o ambiente do bar cria um espaço de lazer que participa das histórias e memórias da cidade²⁶.

O boteco, contudo, pode ser um meio termo, não só espacial, mas também temporal. O sujeito, trabalhador ou não, não o dispensa, pois já o incorporou no intervalo entre o seu fazer e seu não fazer cotidiano. Seja para conversar, jogar sinuca, assistir à TV, ou apenas saber das novidades. O boteco é, para estes, o intervalo de tempo entre a casa e a rua, o expediente e o tempo livre.

Em contraposição ao universo do trabalho, submetido à lógica do capital que programa espaços, gestos, tempos, a esfera do lazer é regida por outra lógica, aberta ao exercício de uma certa criatividade. É aí, ademais, que os trabalhadores exercitam seu direito de escolha, entre esta ou aquela forma de lazer, com estes ou aqueles colegas, em casa ou fora dela²⁷.

²⁵ BARRAL, 2012, p. 206.

²⁶ BARRAL, 2012, p. 182.

A esfera do boteco, contudo, se mantém dentro da lógica do capital, pois pressupõe o lazer pelo gasto de dinheiro.

²⁷ MAGNANI, 1988, p. 39.

Para dar continuidade às analogias de cardápio, pode-se dizer que, em termos de lazer, os botecos são como os acompanhamentos: a possibilidade de escolha não é das mais variadas, mas, assim como o arroz e feijão, é honesto e entretém qualquer brasileiro.





OURO PRETO

Rua Joaquim Floriano, 347 - Itaim Bibi

O Ouro Preto é um símbolo de resistência em terras coxinhas do Itaim Bibi. Rodeado por bares *gourmetizados*, seu balcão funciona como uma fortaleza de produtos e cacarecos variados, repleto de balas, cigarros, bebidas e até iogurtes. Seu charme está nos detalhes: as luminárias que imitam São Paulo antiga na fachada, a tipografia barroca descolando do letreiro, a pequena coroa dourada em cima da capela de café.

Em novembro do ano passado, o gerente do bar, sempre muito afável, ao me ver com uma camiseta vermelha, colocou a cabeça pela pequena abertura do caixa e perguntou, quase que num sussurro, se a cor tinha motivações políticas. Ao responder com veemência que sim, ele me abraçou e me convidou para ir a São Bernardo. Resistimos.





DOSE

No afã da exaltação de uma cultura popular e brasileira, que perde ainda mais espaço sob um governo cujo patriotismo se dá em forma de aut xenofobia, cria-se uma certa romantização dos botecos, pela qual, confesso, também me ludibrio. A percepção do boteco como este ambiente democrático, que proporciona uma sensação de igualdade e justiça social, tem mais idealizações do que fundamentos.

*O balcão do bar é um espaço de todos compartilhado em igual medida por pretos e brancos, ricos e pobres, empregados e desempregados, pelo patrão e o operário, pelo médico e o paciente. Perpassa, por conseguinte, neste espaço, pelo menos durante o período que todos ali permanecem, a idéia, ao mesmo tempo utópica e real, de que os espaços de lazer e convivência social na cidade são democráticos e abertos a todos os indivíduos, raças e classes*²⁸.

²⁸ ADÃO, 1998, p. 10.

²⁹ SIMAS, no podcast sobre cultura popular Encruzilhadas.

Pode-se perceber que o trecho acima foi escrito por alguém que, assim como eu, é homem e muito fã de botecos. Na descrição, há até uma conciliação de classes, mas não há nenhuma referência a figuras femininas.

Só fui me dar conta deste recorte de gênero graças, é claro, às mulheres ao meu redor. Se não fosse por elas, este texto nem se faria presente. Porém, mais do que uma crítica aprofundada, ofereço aqui uma dose de reflexão sobre o caráter masculino do boteco. Segundo elas, há dois tipos de botecos: os que dão pra entrar e os que nem isso. No horário comercial, então, a presença feminina é ainda mais rara. De fato, o boteco é, até hoje, um espaço predominado por homens.

Essa característica está arraigada em suas próprias origens. Ambiente masculino, do trabalhador, alguns dos antigos botequins tinham até serragem no chão, devido à cultura do *homem que cuspiu grosso*²⁹, e que escarrava do próprio balcão. Como as mulheres não trabalhavam, ficavam restritas ao ambiente familiar e, mesmo que quisessem tomar uma cerveja, eram prejudicadas por uma questão logística, já que não teriam com quem deixar seus filhos.

Há ainda uma questão relacionada à bebida alcoólica, principal oferta dos botecos. O controle social de sua ingestão ensina que o homem tem que saber beber. A bebida

reproduz a virilidade: beber muito e continuar de pé se relaciona ao fálico. Agindo dessa maneira, conquista o respeito dos demais e se “torna homem”³⁰.

À medida que foram entrando no mercado de trabalho, as mulheres começaram a ocupar esses espaços. Ao sair do expediente tão, ou até mais, estafadas quanto os homens – submetidas a uma **dupla jornada de trabalho** – miram os botecos como uma alternativa de distração das dificuldades do dia-a-dia.

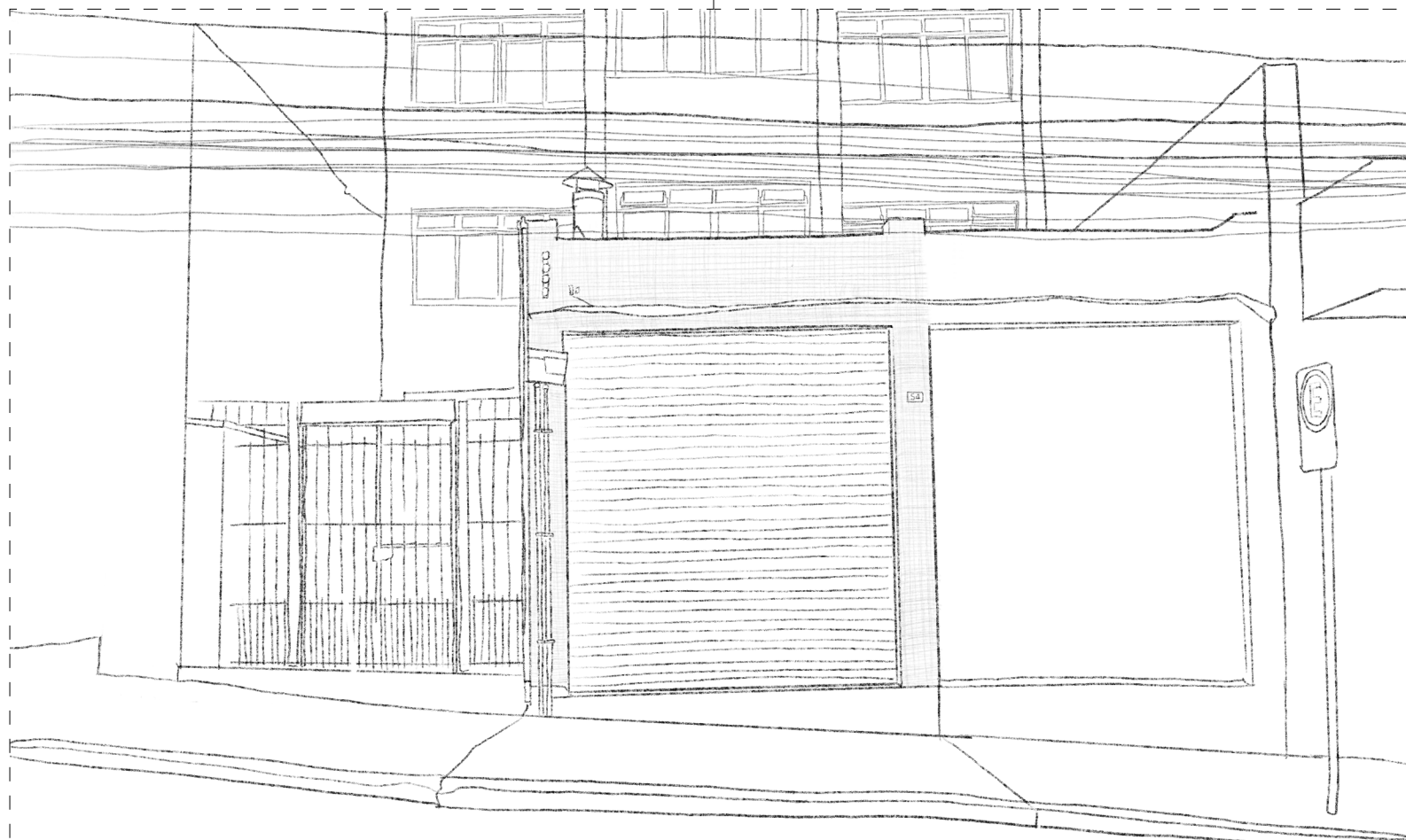
Hoje, quero crer que há uma questão geracional que contribui para que mulheres se façam cada vez mais presentes nos botecos. Nos que costumo frequentar, pelo menos, o percentual já se mostra equilibrado. Mas isso, claro, dentro da grande bolha do chamado **Vale Encantado**. Ainda assim, as maneiras de frequentar continuam díspares: não se sentem confortáveis sozinhas e estão sujeitas a eventuais assédios. Devemos, então, continuar lutando para que esses espaços tenham, em doses nada homeopáticas, cada vez mais o caráter acessível e democrático que tanto idealizamos.

³⁰ BOURDIEU apud BARRAL, 2012, p. 150.

A questão da dupla jornada feminina se refere ao fato das mulheres exercerem dois tipos de trabalho: o produtivo e o reprodutivo. Segundo Silvia Federici, o trabalho reprodutivo, não assalariado, é a base sobre a qual se sustenta o capitalismo, pois garante a produção e reprodução da mão de obra. Apesar do ingresso das mulheres no mercado de trabalho, elas continuam a fazer o trabalho doméstico. Desse modo, não há tempo para descanso, nem saúde, e a remuneração é baixa.

O Vale Encantado é a autoproclamada bolha dos jovens da elite paulistana que estudaram nas escolas construtivistas da Zona Oeste e que usufruem de seus enormes privilégios para chatearem-se com o capitalismo.



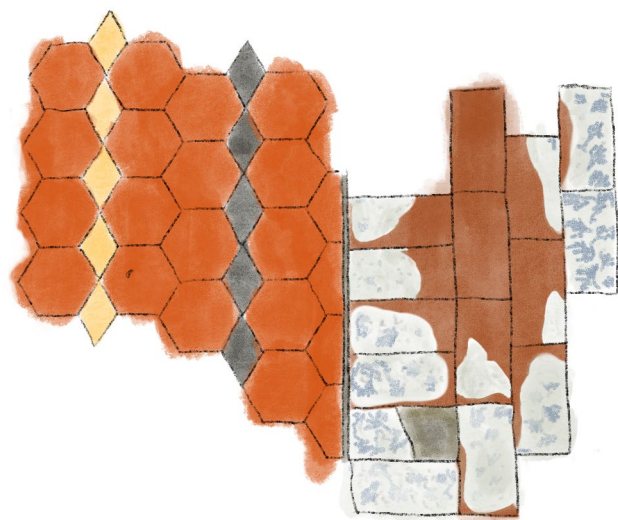


SPUTNIK

Rua Frei Caneca, 54 - Consolação

Foi só ao selecionar as fotos para o presente trabalho que eu descobri o real nome do Sputnik: Bar e Lanches Bragança.

A história desse boteco se confunde com a história de seu principal atrativo: a Sputnik Vodka. Diz a lenda que a bebida, famosa na URSS, foi refabricada aqui pela célula comunista do Brasil, para difundir o consumo de vodka, mas também como maneira de expansão cultural – a famosa doutrinação marxista. A última garrafa do líquido bolchevique, datada de 1989, foi consumida na Oficina de Boteco, 31 anos depois.



Oficina essa que imagino ser a grande fonte de sustento do estabelecimento, já que ele não aparece nem no Google e é cuidado por um casal de idosos que fecham o bar às 19h.





LANCHES

A escassez de desenhos arquitetônicos de botecos me fez crer que fossem, justamente esses, os mais apropriados para o presente guia. A ideia de transcrever estes lugares informais em desenhos com certa formalidade seria não apenas um contraponto interessante, mas também uma boa forma de agradecimento a gerentes e garçons que, entre pedidos e perguntas, me suportariam nas mesas de seus estabelecimentos.

Para além de plantas e cortes, o plano era fazer também elevações das fachadas, bastante características, e isométricas com foco na materialidade e objetividade do espaço, que pudessem auxiliar na descrição dos padrões de comportamento humano. Em vez de usar os meios tradicionais de análise tipológica, que correm o risco de isolar construções da vida humana que contêm, os desenhos ilustrariam espaços que se alteram em resposta a mudanças na maneira como as pessoas o ocupam. Não se trataria, assim, de adaptar um edi-

fício às convenções de desenho, mas sim adaptar as convenções do desenho arquitetônico para capturar esses ambientes e a vida dentro deles.

Para tanto, seria necessário um trabalho de campo, no qual houvesse não apenas o contato direto com os sujeitos e objetos da pesquisa, mas também um entendimento do espaço pela própria experiência pessoal. Após um primeiro levantamento desses estabelecimentos, ficou claro que o melhor método não seria essa separação entre levantamento e, mais tarde, desenho. A quantidade de informações, objetos, fluxos e encontros nada ortogonais presentes em um boteco fazia com que os levantamentos ficassem, **sempre**, devendo uma ou outra medida, que se mostrariam mais fundamentais do que o esperado. O ideal era um processo conjunto, no próprio lugar. Assim, passei a modelar os botecos nos próprios botecos, com meu computador dividindo espaço com guardanapos, pimentas e copos americanos.

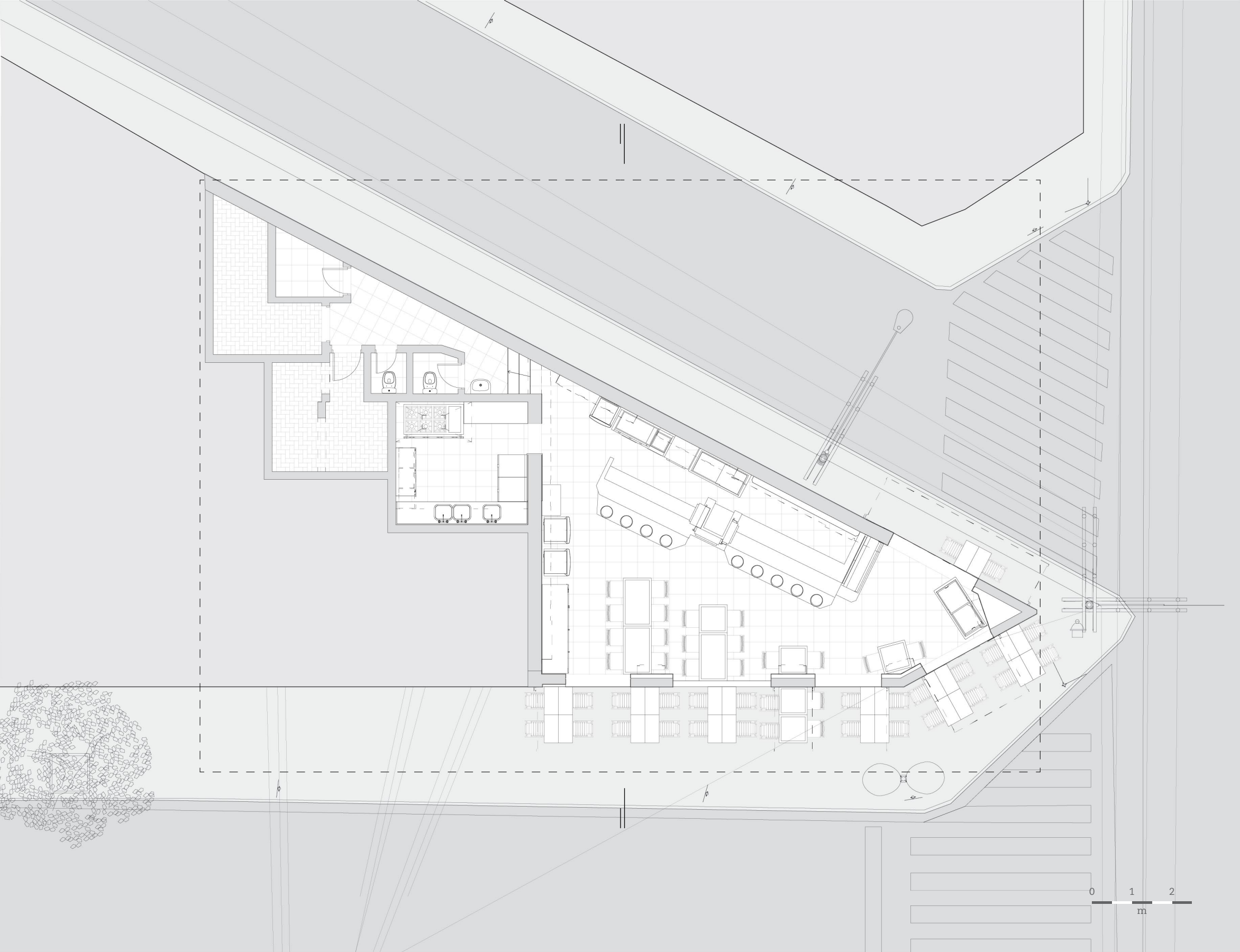
Foi nesse momento, infelizmente, que a pandemia se instaurou no Brasil e os bares foram obrigados, como deveriam ser, a fechar suas portas. O **aspecto repentino da coisa**, interrompeu, pelo menos momentaneamente, o projeto inicial. Enquanto os lanches não saem, restou-me fazer uma salada de memórias e imagens desses lugares que não posso mais visitar.






VALENTE

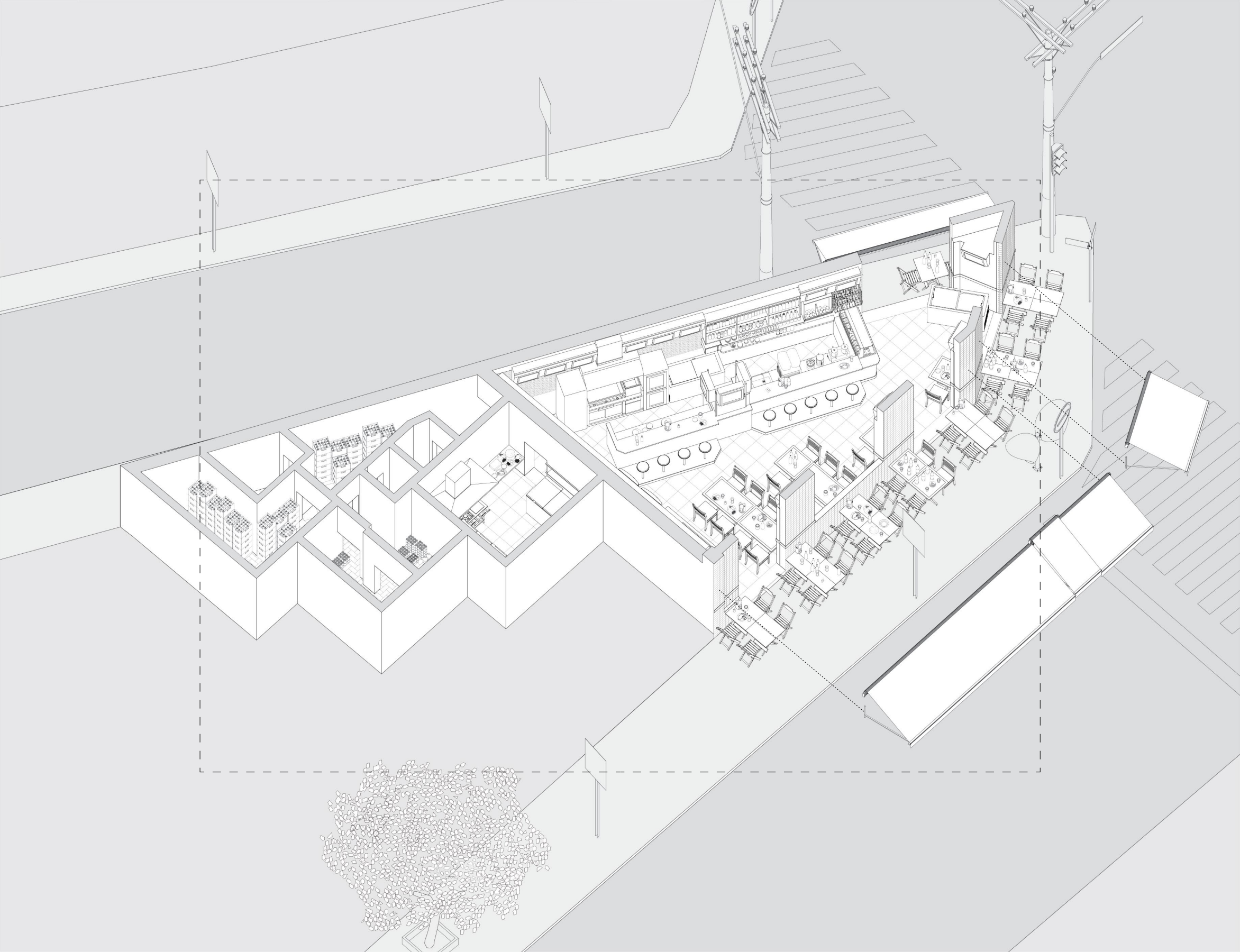
Rua Arruda Alvim, 12 - Pinheiros

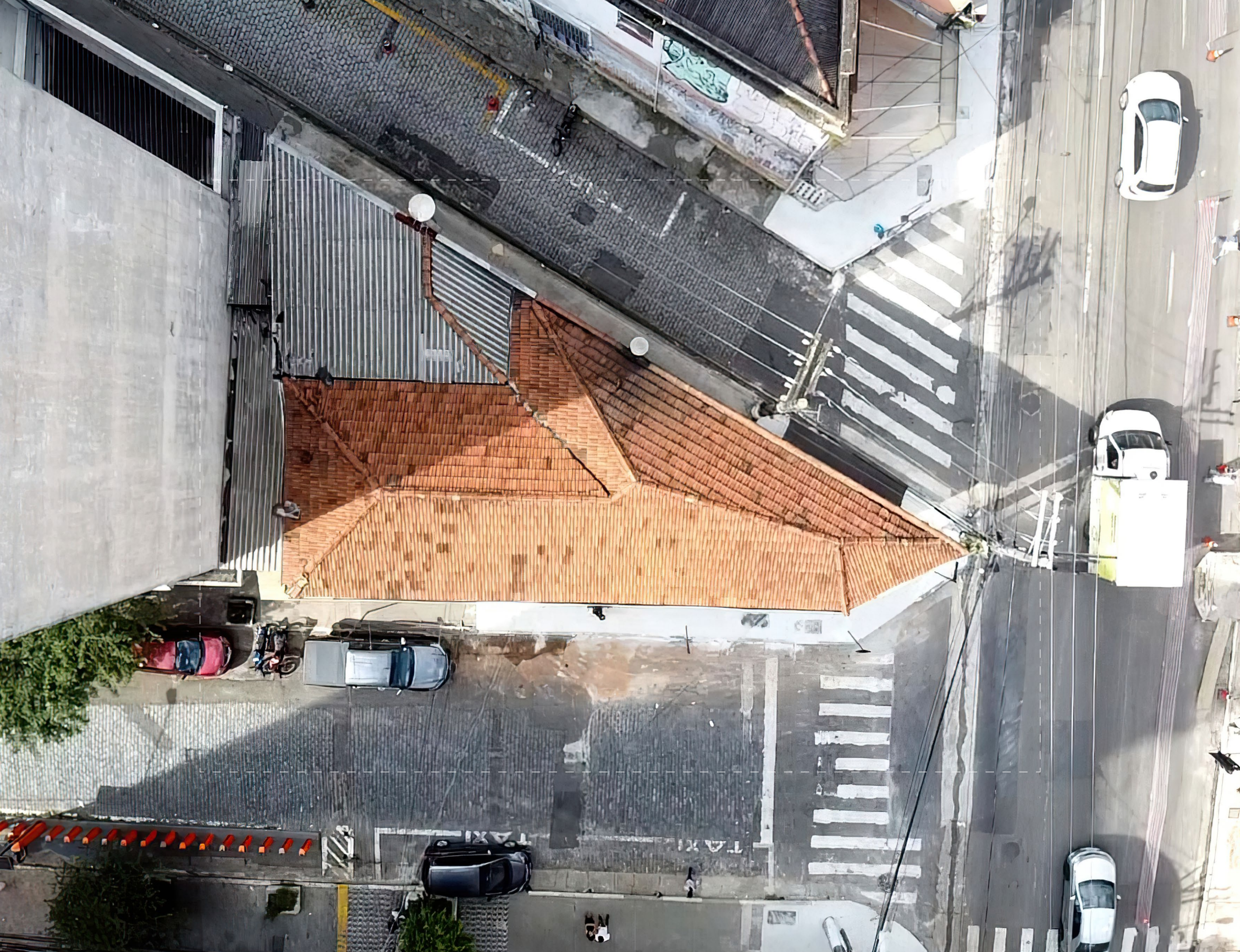




A Lanchonete Valente deve ser o boteco que mais frequentei na vida. Seus garçons amigáveis me chamam pelo nome e até ajudaram no levantamento métrico. Nem a presença dos [barulhentos] estudantes de medicina é capaz de tirar a simpatia do lugar, conhecido como o *bar da esquina*. Provolone à milanesa com uma cerveja gelada e uma dose de cachaça, daquelas que queimam a garganta, é a pedida clássica do estabelecimento – e uma das coisas que mais fazem falta na quarentena.

Sua localização, ao lado do Hospital das Clínicas e perto da saída do metrô faz com que o boteco esteja sempre cheio, com um público muito diversificado. Mas talvez seja seu lote, no bico de um quarteirão, o grande charme do lugar. As portas se abrem para as duas ruas e, assim, a calçada se entrelaça com o bar, que torna-se passagem e acolhe transeuntes.





SOBREMESA

Enquanto encerro este trabalho, persiste o isolamento social. A conclusão apoteótica na mesa do bar, tão sonhada desde o início deste longo processo, seria inconcebível perto da situação atroz pela qual passa o país.

Confesso que a opção pelo boteco como tema de pesquisa foi fruto de uma escolha pessoal, que tange a mesquinhez, e que visava, dentre outras coisas, uma boa desculpa para a prática da boemia. Não posso negar, contudo, que os botecos tiveram um papel importante neste outro ciclo que se fecha: o da minha própria vivência universitária.

A partir de uma perspectiva íntima sobre esses espaços de afetos pela cidade – pelo olhar de quem habita parte reduzidíssima de seu território – tentei oferecer, de bandeja, uma degustação da essência tipológica, formal e urbana desses locais. Essa, porém, não pode ser identificada se descolada da identidade e das per-

³¹ SIMAS, 2019, p. 90.

sonalidades humanas que dão vida a esses estabelecimentos. A honestidade dos botecos põe a nu questões e contradições sociais, mas proporciona, também, escapes e soluções.

Para além das vigas, pilares e paredes, o boteco é feito de *memórias, aspirações, anseios, sonhos, decepções, conquistas, fracassos retumbantes, alegrias e invenções da vida daqueles que passaram por suas mesas e balcões*³¹.

Resta-me, então, torcer para que voltemos a ocupar esses lugares. Enquanto espero, faço o gesto universal da caneta imaginária e encerro: a conta, por favor?



TROCO DE IMAGENS

pg.

- 6 Agência Estado
- 18 Architecture Reading Aid Ahmedabad (Ruby Press, 2015)
- 19 Made in Tokyo (Kajima Institute, 2001)
- 20 Giulia Fabbi (fotografia cedida pela autora)
- 60 Made in Tokyo: 15th Year Update, Lys Villalba
- 61 Architectural Ethnography, Momoyo Kaijima
- 73 O corpo encantado das ruas (Civilização Brasileira, 2019)
- 76 Giulia Fabbi (fotografia cedida pela autora)
- 102 Giulia Fabbi (fotografia cedida pela autora)
- 114 Giulia Fabbi (fotografia cedida pela autora)
- 139 Pedro Vannucchi (fotografia cedida pelo autor)



Conta Bibliográfica

ADAO, Kleber do Sacramento. O botequim e a geografia do ocio na paisagem compartimentada da cidade. Sao Joao del Rei: FES, 1998.

ARGAN, Giulio Carlo. Sobre a Tipologia em Arquitetura, 1963. In: NESBITT, Kate (org.). Uma Nova Agenda para a Arquitetura. Antologia Teorica 1965-1995. Sao Paulo: Cosac Naify, 2006.

AUGE, Marc. Nao-lugares. Campinas: Papirus, 1994.

BACHELARD, Gaston. A poetica do espaco. Sao Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARRAL, Gilberto Luiz Lima. Nos bares da cidade: Lazer e sociabilidade em Brasilia. Brasilia: UnB, 2012. Tese de doutorado.

BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e Simulacao. Lisboa: Relogio d'Agua, 1991.

BENJAMIN, Walter. Rua de mao unica. Sao Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

ISEKI, Yu. KALJIMA, Momoyo. STALDER, Laurent. Architectural - Ethnography. Tokyo: TOTO Publishing, 2018.

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. Sao Paulo: Martins Fontes, 2000.

KALJIMA, Momoyo. TSUKAMOTO, Yoshiharu. behaviorology. Nova York: Rizzoli International Publications, 2010.

KALJIMA, Momoyo. KURODA, Junzo. TSUKAMOTO, Yoshiharu. Made in Tokyo. Tokyo: Kajima Institute, 2001.

KAISER, Klara. MORI, Koiti. Bares de Sao Paulo. Revista Desenho, n.2. Sao Paulo, mar. 1970.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. Lazer dos Trabalhadores. Revista Sao Paulo em Perspectiva, n.2. p. 37-39. Sao Paulo, jul. 1988.

SCHMID, Christian. A teoria da producao do espaco de Henry Lefebvre: em direcao a uma dialetica tridimensional. Traducão de Marta Marques. Revista GEOUSP - espaco e tempo, n.32. p. 89-109. Sao Paulo, 2012.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. O Significado do Botequim, 1969. In: KOVARIC, Lucio (org.). Cidades: usos e abusos. Sao Paulo: Editora Brasiliense, 1978.

SIMAS, Luiz Antonio. O corpo encantado das ruas. Rio de Janeiro: Civilizacao Brasileira, 2019

TOLEDO, Luiz Henrique de. Logicas no Futebol. Sao Paulo: FFLCH-USP, 2000. Tese de doutorado.

TSCHUMI, Bernard. Architecture and Disjunction. Cambridge: The MIT Press, 1996.

TSCHUMI, Bernard. Arquitetura e Limites I, II e III, 1980. In: NESBITT, Kate (org.). Uma Nova Agenda para a Arquitetura. Antologia Teorica 1965-1995. Sao Paulo: Cosac Naify, 2006.

Encruzilhadas #05 Boteco. Gabriela Moreira e Luiz Antonio Simas. Rio de Janeiro: Central3, 02 set. 2019. Podcast. Disponivel em spotify:episode:3NlnXfwWmBG0Ly9Haw3xRk. Acesso em 27 out. 2019.

TIPOGRAFIAS: Rosewood, Caecilia
CAPA: Couché fosco 350g
PAPEL: Pólen 90g
IMPRESSÃO: Belacop
ENCADERNAÇÃO: Encadernadora Duarte

2020